

ENSAIO

# A descoberta da insanidade na arte

Neste artigo, a autora, doutora em Saúde Mental, discute um tema que vem inspirando críticos e teóricos há muitos anos: a tênue linha que pode separar a criação artística da loucura — ou não

■ JÔ BENETTON, especial para o Jornal da USP

olhar na produção artística de seus pacientes a examinaram essencialmente, pelo valor sintomatológico que eles mesmos lhe atribuíam. Acabaram por organizar uma espécie de "tabela psicopatológica" e depois até mesmo uma "tabela diagnóstica" correlacionando e fixando certas características de estilo e diferentes foram de demências semelhantes: ausência de perspectiva, preponderância de tendências lúdicas, formas que se espalham de maneira extensiva, não observação de regras estéticas, preenchimento ornamental do fundo, utilização de elemento da escrita, desproporções anatómicas, tendência à geometria e à esquematização. Enfim, tudo aquilo que fugia às normas da academia era interpretado como um sintoma, como um sinal da doença.

Mesmo depois de Matisse, Manet, Picasso e Klee, em 1962, na 5ª Documenta de Kassel foram

pitalização é vivida à margem da realidade e isto em função mais da superestrutura existente do que do estado mental do paciente, uma vez que há a destituição de toda a possibilidade de intervenção ativa ou significativa sobre essa realidade.

O que os psicopatólogos vêm denominando de arte do esquizofrênico poderia ser, antes de tudo, uma arte estereotipada, cujo conteúdo decorativo obsessivo é desenhado pela impossibilidade do sonho e da fantasia, na intenação provocadora apenas, sem dúvida, de fantasmas persecutórios.

Em *A Criação Literária e o Sonho Acordado*, Freud diz que o criador da arte atenua o caráter repugnante do sonho diurno egoísta por meio de mudanças e deformações, e ele nos seduz pelo benefício do prazer puramente formal, isto é, pelo benefício do prazer estético que ele nos oferece na representação de seus fantasmas.

outro? Curiosamente, para Freud, incorrigível decifrador de enigmas, nas belas artes, ele afirma que os temas ilustrados têm mais importância para o autor do que para ele, que se detém mais nas qualidades formais e técnicas. Em 1981 Lou-Andreas Salomé envia a Freud, com uma calorosa recomendação, a monografia de Adolf Wölfi, feita por Morgenthaler, e a resposta de Freud é um lacônico obrigado. Sobre esse episódio Michel Thévoz analisa a interdição de Freud diante das expressões plásticas dos doentes mentais.

Em 1945, Jean Dubuffet compõe, com produções artísticas de todos os tipos que apresentam um caráter espontâneo e fortemente inventivo, a Arte Bruta, espaço a ser ocupado pelos autores estranhos ao meio artístico profissional. Ele não reconheceu como particular a arte do doente mental. Ao contrário, aparece como exaltação de recursos psíquicos

Há, ainda, o espiritismo frequentemente praticado pelos autores da Arte Bruta. Esse tema, objeto de pouco interesse de minha parte, deve pelo menos ser definido aqui. Talvez uma boa abordagem seja aquela que diz ser o espiritismo uma espécie de contato ritual estabelecido com defuntos por indivíduos em ruptura com as normas estabelecidas de uma sociedade que, de maneira geral, deixou de manter todas as relações funcionais e simbólicas com os mortos. No caso, a sociedade industrial dos séculos XIX e XX. Parece castigo da modernidade, Jeanne Tripiet, médium de primeira necessidade, sob influência dos espíritos escrevia e pintava, e em 1934 morreu no asilo Maison Blanche.

## Arte do delírio

Durante o processo contra Flaubert, ele espantou o júri e o público quando afirmou "madame Bovary c'est Moi". Alexandre Dumas Filho, por sua vez, um dia saiu chorando de seu gabinete de trabalho aos gritos de "J'ai tue mon Porthos".

Em 1910, Freud dizia que o conteúdo de uma obra de arte é evidentemente a sua história. A forma é o precipitado de uma história mais arcaica. Ana Segal dizia que é na zona arcaica que acontece o debate entre uma solução delirante ou uma solução criativa. Isso parece simples, se a criatividade e o delírio não andassem tão juntos. Mas, assim mesmo, não poderíamos dizer que Flaubert e Dumas Filho estão delirando? Penso que a resposta é não, apesar de ambos terem sido

Dizem que não se pode separar arte e loucura. Pode-se ser mais radical ainda e dizer "não há arte sem insanidade" — e muitos haverão de concordar. Fala-se por aí que na insanidade há muita arte.

A arte anda por aí, ora como arte, ora nas estantes, em construções, em terapias, em mágicas, em magnetismos, misturada e mitificada inclusive como ciência do espírito e da alma... Parece que voltamos ao tempo em que foi sacramentado o aprisionamento da arte.

O museu, a tela, a assinatura, são instituições ou convenções relativamente recentes na história da Arte e estão ligados à pretensão dos artistas plásticos de passar a ter um nível de reconhecimento igual, senão superior, àquele dos cientistas e literatos.

Era o século XV quando a pintura passou a ser considerada como uma "coisa mental".

Assim proclamada por Da Vinci, ressaltava o valor do desenho para demarcar definitivamente o objeto de corporação para as pinturas.

Considerava os desenhos não só como ciência (lembramos seus estudos sobre o corpo humano e sobre engenharia mecânica), mas também como "função divina". No século XVI, a Academia del Disegno foi constituída na Itália, tendo os artistas adotados por modelo as academias dos escritores, o que incluía as suas doutrinas e as freqüentes autopropagandas de seus trabalhos. Os artistas foram, então, os primeiros responsáveis pelo mito do "gênio criador" (do qual muitos se sentem ou tem sido orisioneiros a vida inteira).

Esse status de exceção outorgado à arte na nossa cultura nos fez esquecer que o impulso artístico, mais ainda que o bom senso, parece ser a coisa mais partilhada

do mundo. As sociedades primitivas demonstram claramente isto através de suas manifestações simbólicas, marcadas por caráter essencialmente coletivo. As crianças cantam, dançam, fazem mímica, modelagem e desenho antes de escrever. E quando começam a escrever, parece que a alfabetização é responsável pela provocação de uma inibição progressiva de todos os impulsos plásticos, ou seja, aqueles no qual o corpo interfere diretamente.

Na adolescência o pensamento conceitual é matriz da palavra e introjeta definitivamente os impulsos plásticos; não é comum ver adolescentes cantando e pintando, pois essas atividades passam a ser "infantilizadas". O pior é que, nesse momento, outro preságio é estabelecido: a divisão entre produtores e consumidores. Os não "escolhidos" pelo "dom ou gênio" passam a viver na "idiotice", por procuração ou por teleparticipação das performance esportivas, sexuais, artísticas nos estádios, nos cinemas pornôns, até mesmo nos museus.

Muitos são os que contemplam passivamente e poucos são os que se integram ativamente.

## No universo da arte dos loucos

Quando as artes plásticas foram definidas como "função divina", ainda era possível manter a coexistência entre a loucura e a criação artística. Mas foi também nesse momento de sacralização e formação que permitiu o acontecer posterior do aparelho ideológico que condicionava a produção artística à estética museográfica. A partir daí a arte do louco passou a ser uma transgressão.

Uma grande confusão se instalou definitivamente no século XVIII, quando o médico (podemos dizer assim) define a loucura como doença mental; os primeiros psiquiatras que fixaram seu

apresentadas numa sessão isolada as obras psicopatológicas de Wölfi e de Müller. Os chamados "psicopatólogos da expressão" ainda hoje mantêm o espaço para a expressão do esquizofrênico.

Quando Sartre critica *Notre Dame de Fleurs*, de Genet, denomina o momento de realização dessa obra como "época da masturbação". Genet estava preso quando Sartre escreveu: "As palavras que compõem esse livro são aquelas de um detento sufocado, sua agilidade é de uma pedra pesada que submerge verticalmente ao fundo do seu sonho, que nasceu do próprio sonho e que são palavras do seu sonho, sonho de palavras." Uma atividade extensiva do próprio corpo,

de extensiva do próprio corpo, apesar de que, nas prisões, há idéias sobre leis, penas a serem pagas, contratos sociais bem definidos, mesmo que incluam a morte ou a prisão perpétua. No caso das doenças mentais, a hos-



Auto-retrato de Vincent Van Gogh com orelha cortada: a insanidade a serviço da arte

A psicopatologia da expressão, os psicanalistas, assim como as artes-terapias e os testes psicológicos, têm se utilizado do contraponto dessa afirmativa, que poderia ser escrita de outra forma: a arte dos doentes mentais apresenta, repugnantemente, o sonho diurno egoísta, sem mudanças e deformações, através da projeção de seus fantasmas. A forma pura e simples de analisar, testar, compreender (psicólogos) e intervir (arte-terapia) nesse acontecer é encontrada nesse mesmo capítulo de Freud: "O importante dessa obra é o conteúdo fantasmático, de caráter descritivo ou narrativo, que se presta como consequência à verbalização."

Mas será que é tão fácil assim? Será que é possível verbalizar fantasmas sempre desconhecidos enquanto tal, tanto para o artista como para o louco? E o grande risco de identificação do fantasma pelos que são fantasmas do

que existem de maneira latente em toda a humanidade. Essa afirmativa pode considerar que todos os homens podem fazer arte, sendo ou não artistas, presos ou em liberdade, internados ou não. Por outro lado, pode predizer que essas condições estarão influenciando as formas, uma vez que se originam de recursos psíquicos nos quais o mundo interno e a realidade externa mantêm uma determinação constante. Dessa mesma forma, pode-se refutar os "psicopatológicos da expressão" quando afirmam que não há mais "expressão espontânea" (se é que são mesmo espontâneas) dos doentes mentais, uma vez que desde 1950 a quimioterapia e a terapia ocupacional, segundo aqueles estu-

diagnos de loucos.

Rotulado de louco mesmo foi Van Gogh, que falava assim da pintura numa das últimas cartas a seu irmão, Theo, antes do suicídio. "Dizem que na pintura não se deve procurar nada, nem nada esperar além de um bom quadro, uma boa conversa e um bom jantar como felicidade máxima, sem contar os incidentes menos brilhantes. Talvez seja verdade, e por que recusar-se a aceitar o impossível, sobretudo se assim o fizermos enganamos a doença?". Van Gogh expõe aqui o mesmo homem da arte e do delírio. Se o local da origem da criação e do delírio é o mesmo, como afirmar que uma arte vem da criação e a outra do delírio?

No arcaico, dizemos do pensar em imagens mentais não lógicas, imagens absolutamente não-verbais que nos são demonstradas melhor pelo fazer, um fazer onde processo e produto são inseparáveis, onde um pode provocar a existência do outro até a morte.

Quando Theo, irmão de Van Gogh, morre louco, Gauguin está organizando uma exposição retrospectiva de Van Gogh. Ele sustenta essa exposição justificando-se aos seus amigos pelo que podemos denominar de nosso olhar determinante: "Vocês sabem o quanto amo a arte de Vincent. Mas dada a estupidéz do público nos é inoportuno recordar Vincent e sua loucura".

Será que a loucura de Van Gogh afetava tanto o público como afetou a Gauguin e seus amigos? Quanto existe de arte na arte subvencionada pelo espírito divino, espíritos malignos, delírios, alucinações, sinais patológicos, distúrbios de personalidade e genialidade?

É justo no fim do século XX manter a arte prisioneira? Prisioneira agora das terapias principalmente quando se define que elas têm por objetivo "criar uma atmosfera indulgente a fim de animar o paciente a manifestar seus sentimentos através de sua arte"?